

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NUM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

EDUARDA SOUZA GAUDIO*
ELOISA ACIRES CANDAL ROCHA**

RESUMO

O presente artigo apresentará uma análise da pesquisa de mestrado que buscou investigar as relações sociais entre crianças e adultos quanto às diferenças étnico-raciais numa instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de São José. A investigação tomou como base estudos sobre Educação Infantil e Relações Étnico-Raciais e contribuições dos Estudos Sociais da Infância, buscando dar visibilidade para as crianças com a intenção de conhecer suas especificidades e manifestações sociais e culturais. Para a realização da pesquisa, nos apoiamos em instrumentos peculiares de estudo de caso etnográfico: a observação participante, conversas informais, recursos fotográficos e audiovisuais e a construção de um diário de campo. Buscamos, por meio dessa investigação, aproximar-nos da perspectiva das crianças quanto à dimensão étnico-racial, contribuindo para os Estudos Sociais da Infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações sociais. Dimensão Étnico-Racial.

ABSTRACT

This paper brings a study from a master's research which investigated the social relationships between children and adults with regard to ethnic and racial differences at a Municipal Childhood Education Institution in the city of São José. Research was based on studies of Early Childhood Education and Ethnic and Racial Relations and contributions of Social Studies of Childhood, seeking visibility for children with the intent to meet their specific and social and cultural manifestations. The study was carried out drawing on peculiar instruments of ethnographic case study: participant observation,

* Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Linha: Educação e Infância, sob orientação da Profa. Dra. Eloisa Acires Candal Rocha. Formada em Pedagogia, com habilitação em magistério da educação infantil e séries iniciais e supervisão escolar pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância – NUPEIN da Universidade Federal de Santa Catarina. dudasouza_1@hotmail.com

** Doutora em Educação e Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

informal conversations, photographic and audiovisual resources, and the construction of a field journal. This study sought to approach the children's perspective on the ethnic and racial relations, thus contributing to the Social Studies of Childhood.

Keywords: Childhood Education. Social relations. Ethnic and Racial relations.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As instituições de educação infantil constituem espaços de encontros de diferentes identidades, gêneros, subjetividades, etnias e corporeidades. Nesses contextos, meninos e meninas de pouca idade participam de um conjunto de interações sociais, nas quais se identificam como parte da realidade e, de acordo com a maneira como são tratadas, interiorizam uma autoimagem que influencia a construção de suas identidades. Levando em consideração que os espaços formais de educação das crianças pequenas envolvem múltiplas dimensões, torna-se essencial conhecer como a dimensão étnico-racial aparece nas relações entre pares e com os adultos. É nesse sentido que o artigo apresentará parte dos resultados da pesquisa de mestrado que buscou analisar os processos sociais efetivados pelas crianças e seus pares e com os adultos envolvidos nas relações étnico-raciais num Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de São José.¹

A investigação foi pensada tendo em vista o acompanhamento das relações sociais que as crianças efetivam com seus pares e com os adultos dentro do espaço da educação infantil, reconhecendo e valorizando as produções e saberes criados por estes seres de pouca idade. Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pela realização de um estudo de caso etnográfico em uma instituição de educação infantil pública, tomando como sujeitos da pesquisa um grupo de crianças composto por meninas e meninos de quatro a cinco anos de idade. A escolha pelo estudo de caso etnográfico deu-se mediante o interesse em conhecer determinado fenômeno dentro de um contexto específico, no caso, as relações

¹ O presente artigo foi pautado numa pesquisa de mestrado realizada no período de 2011 à 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha Educação Infância. Para isso, privilegiamos alguns aspectos discutidos na dissertação em detrimento de outros. Para maiores informações ver: Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil** : dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero / Eduarda Souza Gaudio; orientador, Eloisa Acires Candal Rocha Rocha - Florianópolis, SC, 2013. 242 p.

sociais entre crianças com pertencimento étnico-racial distintos.

Levando em consideração que a produção do conhecimento é um processo de caráter coletivo do qual fazem parte saberes anteriormente formulados, realizamos um levantamento bibliográfico procurando mapear a produção existente na tentativa de construir um panorama das pesquisas sobre educação infantil e relações raciais no Brasil. Para isso, adotamos o Banco de Teses e Dissertações da Capes que agrupa a produção científica brasileira numa base de dados eletrônica. Através da definição de palavras-chave dentro de um recorte temporal de 1987 a 2011 chegamos a um total de 16 pesquisas de dissertações e teses que contemplavam as relações raciais na educação infantil. A partir da análise da produção científica encontrada, percebemos um crescimento no número de pesquisas que abordaram as relações étnico-raciais em contextos educativos essenciais para o avanço da produção nesse campo. No entanto, esse número de trabalhos ainda é incipiente para compreender as relações étnico-raciais no Brasil, especialmente aqueles que tomam a educação infantil como contexto de pesquisa.

Desse modo, assumimos uma perspectiva fundamentada nos Estudos Sociais da Infância, que reconhecem a criança como ator social capaz de elaborar aspectos culturais na relação com seus pares e com os adultos. Com base nessa concepção, buscamos contribuir com esse movimento recente das pesquisas (CERISARA, 2004; CORSARO, 2005; FERREIRA, 2002, 2004, 2010; AGOSTINHO, 2007; BUSS-SIMÃO, 2012; entre outros) que pretendem conhecer o ponto de vista das crianças privilegiando suas ações e os modos como atuam no mundo. Além disso, embasamos as análises nos estudos sobre relações raciais no Brasil (MUNANGA, 2003, 2008, 2012; GUIMARÃES, 2008, 2009; GOMES, 1996, 2001, 2003, 2006; entre outros), nas pesquisas que privilegiam a educação das crianças pequenas quanto à temática étnico-racial (ROSEMBERG, 1996, CAVALLEIRO, 1998; DIAS, 1997, 2007; OLIVEIRA, 2004, SILVA, 2007, TRINIDAD, 2011; entre outras).

INFÂNCIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BREVES REFLEXÕES

A educação das crianças brasileiras possui uma trajetória muito particular, desde a colonização brasileira as formas e os cuidados eram diferenciados dependendo da condição social de cada criança. Nessa discussão, a política de branqueamento tornou-se um aspecto

crucial acerca das ideias que circulavam sobre a educação e o cuidado das crianças. Carone define a ideologia de branqueamento como “[...] uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se ‘integrar’” (CARONE, 2002, p. 13).

Essa política de branqueamento, criada pela supremacia branca, causava construções negativas sobre as populações negras, desvalorizando e prejudicando a autoestima e a identidade racial, acarretando em relações discriminatórias e preconceituosas acerca dos códigos culturais dessa população. Através de concepções disseminadas no final do século XIX pelo campo da medicina social, a eugenia foi um dos mecanismos considerados eficazes na reconstrução da identidade nacional do país; por meio da miscigenação seria possível apurar a “raça” em direção ao branqueamento da população. Assim, as noções de higiene e saúde tiveram uma importante influência na discussão sobre os cuidados das crianças buscando tratar de diversos aspectos considerados necessários: mortalidade infantil, cuidados com o corpo, doenças infantis, ensino, educação das mães, além de introduzirem o debate sobre Pediatría e Puericultura no campo da higiene e da saúde pública (MARCÍLIO, 1998, p. 194).

De acordo com as contribuições de Fúlvia Rosemberg (2012), o reconhecimento da educação infantil pública no Brasil foi voltado especialmente às crianças pobres, negras, principais usuárias das creches públicas e conveniadas, pautadas em condições precárias de qualidade e baixo investimento do Estado. Sendo assim, percebemos que as concepções a respeito da infância no Brasil foram constituídas numa perspectiva de desigualdades em relação à classe social, a raça, a etnia, e ao gênero entre as crianças, gerando sérios impactos na educação das crianças pequenas até os dias de hoje. Pesquisadores/as demonstram que a discriminação racial permeia relações sociais entre sujeitos envolvidos com a educação, por diferentes formas de linguagens, comportamentos e atitudes que inferiorizam e encobrem conhecimentos a respeito das culturas negras. Além disso, a criança negra tem sido exposta à construção da baixa autoestima nos tempos e espaços da educação infantil que não acolhe as diferenças existentes em nosso país, difundindo, muitas vezes, o preconceito racial.²

² Maiores informações ver: GODOY, 1996; CAVALLEIRO, 1998; OLIVEIRA, 2004; SANTOS, 2005; MACÊDO, 2008 e TRINIDAD, 2012.

Numa tentativa de reparar os danos sofridos pela população negra, foram criados no âmbito educacional estratégias de políticas públicas capazes de englobar as discussões sobre as relações raciais no Brasil. Dentre os instrumentos construídos para uma Educação das Relações Étnico-raciais, destacamos a Lei Federal 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, obrigando a inserção, nos currículos oficiais da Rede de Ensino, a "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares. A prescrição da referida lei, determina, ainda, a inclusão do dia 20 de novembro nos calendários escolares como o "Dia Nacional da Consciência Negra".

Para subsidiar essa determinação legal, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) no sentido de reconhecer a identidade racial da população brasileira. Além disso, foram construídas "Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais" (2006) que apresenta uma discussão essencial acerca da diversidade étnico-racial, trazendo propostas de ações e estratégias pedagógicas possíveis de serem trabalhadas nos diferentes níveis da educação básica, inclusive na educação infantil.

Recentemente, as "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil" (2010) trazem concepções avançadas acerca da educação das crianças pequenas, compreendendo-as como um sujeito histórico, portador de direitos que, nas "interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura" (BRASIL, 2010, p. 12). Dentre as propostas pedagógicas privilegiadas nesse material, a diversidade étnico-racial ganha reconhecimento no que diz respeito à valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana, bem como o combate ao racismo e à discriminação racial. Sendo assim, percebemos a existência de documentos e propostas públicas e nacionais que contemplam a primeira etapa da educação básica, legitimando as instituições de educação infantil como espaços de valorização da identidade racial das diferentes meninas e meninos de pouca idade.

PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O CASO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ

A investigação que originou o presente artigo foi realizada num Centro de Educação Infantil mantido pela rede municipal de São José, situado em um contexto marcado pela heterogeneidade social, sendo ocupado por grupos de pessoas com baixo capital econômico, aglomerando algumas famílias desfavorecidas nos aspectos de ordem econômica e social. Para subsidiar a pesquisa, procuramos conhecer as propostas criadas pela Secretaria Municipal de São José no que diz respeito à promoção da igualdade racial do município supracitado.

A Rede Municipal de Educação de São José deu início, em 2007, a uma discussão sobre a formação de profissionais para atender as demandas da Lei Federal 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN, incluindo nos currículos escolares o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições privadas e particulares. Os debates tiveram origem com um grupo de professores/as de história da rede de educação deste município, que realizaram uma mesa-redonda para tratar das questões determinadas pela lei. A partir desse grupo, foi criado o Programa de Educação da Diversidade Étnico-racial integrado à Secretaria Municipal de Educação, que promoveu atividades de formação continuada mensalmente com representantes de todas as Unidades Municipais. Articulado as discussões de grupo, foram distribuídos também livros pedagógicos, literaturas infantis, CDs, DVDs, entre outros instrumentos para todas as instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede.

Outra proposta efetivada pela rede municipal de educação foi integrar a capoeira ao currículo oficial, atendendo a todas as escolas de Ensino Fundamental desde o ano de 2005. Recentemente, essa ação foi ampliada para todos os Centros de Educação Infantil de São José que recebem durante a semana um/a professor/a de capoeira para realização de rodas, apresentações e danças com os grupos de crianças.

Além dessas ações, foi produzido também o Projeto de Biblioteca Itinerante Multicultural, que consiste em um Baú Multicultural com cerca de 70 livros de literatura e de formação, cujos títulos possibilitam que se promova o respeito às diferenças (racial, cultural, gênero, social, sexual), além de instrumentos musicais de diferentes culturas, CDs, DVDs, jogos e brinquedos educativos construídos pelas crianças e professores/as que

recebem o baú em sua instituição. Recentemente, o baú conta também com dois livros em braile e gravuras em relevo e textura, provendo a acessibilidade de crianças cegas e com baixa visão. Este projeto propõe transmitir para as instituições onde atua outras histórias, abordando questões referentes às diversidades existentes em nossa realidade social, promovendo discussões e vivências com crianças e adolescentes nas instituições de educação.

Numa tentativa de conhecer as relações entre crianças quanto às diferenças étnico-raciais, elegemos um Centro de Educação Infantil vinculado a rede do município de São José buscando nos aproximar das especificidades que envolvem as interações sociais entre meninas e meninos de pouca idade. O público de atendimento dessa instituição são crianças de 4 meses a 6 anos de idade, totalizando 177 crianças, sendo que 81 são meninas e 96 meninos, representando uma proporção de 54% para 46%. Dentre essas, 33 crianças são atendidas no período matutino, 40 crianças no período vespertino e 104 no período integral.

Os aspectos relacionados à classificação racial são apresentados na ficha de matrícula do Centro de Educação Infantil segundo as categorias branca, parda, negra, indígena e a opção de não identificar.³ De acordo com a análise, percebemos que 71% (125 crianças) das famílias declararam seus/suas filhos/as como brancos, 16% (29 crianças) como pardas, 10% (18 crianças) foram declaradas como negras e 3% (5) preferiram não identificar a sua cor.

O grupo pesquisado nesse Centro de Educação Infantil foi o G6, formado por crianças de quatro e cinco anos de idade, sendo 12 meninas e 12 meninos. Entre elas, 22 crianças permaneciam em período integral e as outras 2 frequentavam apenas o turno vespertino. Dessas crianças, 13 possuem irmãos e 11 são filhos/as únicos. Sobre a classificação étnico-racial do grupo colaborador da pesquisa, 13 famílias (54%) declararam as crianças como brancas, 6 famílias (25%) declararam seus/suas filhos/as como pardos/as, 3 (13%) declararam as crianças como negras e 2 (8%) preferiram não identificar a cor de seus/suas filhos/as.

A classificação da identidade étnico-racial do grupo colaborador da pesquisa é realizada de acordo com o método de

³ As categorias utilizadas pelas fichas de matrícula da Rede Municipal de São José (branca, parda, negra, indígena e a opção de não identificar) diferem-se das categorias utilizadas pelos institutos de pesquisas brasileiros (branca, preta, amarela, parda, indígena e sem declaração) ocasionando problemas no estabelecimento de relações entre os índices.

heteroatribuição de pertença, em que o/a responsável/a pela criança atribui essa característica no ato de preenchimento da ficha de matrícula. Como vimos, das 24 crianças que frequentam o G6, 13 famílias declararam as crianças como brancas, 5 famílias declararam seus/suas filhos/as como pardos/as, 3 declararam as crianças como negras e 2 preferiram não identificar a cor de seus/suas filhos/as.

A partir da escolha da instituição e do grupo a ser investigado, adotamos ferramentas para a realização da pesquisa com o intuito de nos aproximar e conhecer os modos de viver das crianças dentro desse contexto social específico. Para isso, nos apoiamos em alguns instrumentos advindos da etnografia, elegendo a observação participante, as conversas informais, as análises de documentos, os recursos fotográficos e a construção de um diário de campo durante toda a pesquisa. Esse tipo de investigação possibilita o estudo em um grupo social específico durante um período de tempo restrito, sem exigir a adoção de um exclusivo paradigma científico, recusando uma lei universal para as diferentes ciências, apoiando-se no que Sarmiento chama de interpretativismo crítico, no sentido de “articular a interpretação empírica dos dados sociais com os contextos políticos e ideológicos em que se gera a ação social” (SARMENTO, 2003, p. 143).

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ENTRE AS CRIANÇAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Com base nos instrumentos citados acima, iniciamos a pesquisa empírica procurando construir uma relação de respeito e confiança entre a pesquisadora e as crianças, diferente da relação de autoridade e dominação estabelecida entre professores/as e crianças. Para isso, foi necessário adotar uma postura de pesquisadora interessada em aprofundar os conhecimentos acerca das crianças e suas relações sociais, sobretudo no que diz respeito aos aspectos étnico-raciais. No entanto, é essencial mencionar que observar e tentar interpretar as interações sociais entre as crianças é um exercício complexo que envolve sentimentos e expectativas num processo de desconstrução de posturas preconceituosas em relação ao espaço da educação infantil, bem como na capacidade de elaboração cultural das crianças.

Ao observamos as relações sociais no contexto da educação infantil, as primeiras formas de expressão percebidas foram àquelas ligadas aos corpos dos meninos e meninas do G6. Nas diferentes

formas de organização social do cotidiano da instituição, as crianças exprimiam seus modos de ver e interpretar o mundo através do corpo e das relações étnico-raciais. Sobre a dimensão corporal na infância, James, Jenks e Prout (2000, p. 208) evidenciam que toda a ação social é uma ação corporificada, efetivada por pessoas reais, vivas e corpóreas. Dessa forma, os/as pesquisadores/as destacam que as diferenças corporais são utilizadas desde a infância para a construção de estereótipos culturais, criando uma intensa angústia nas crianças e influenciando na construção de suas identidades.

Durante a realização da pesquisa, foram presenciadas diversas relações sociais entre as meninas e os meninos do G6 que evidenciaram aspectos no que diz respeito às dualidades acerca da dimensão corporal existente nessa faixa-etária de idade. Categorias como ser menino ou menina, feio ou bonito, gordo ou magro, preto ou branco, amigo e inimigo foram constatadas como determinantes e definidoras nos relacionamentos entre as crianças, confirmando que “o corpo é na infância um recurso essencial à aquisição e ruptura da identidade, justamente devido à sua materialidade instável” (JAMES, JENKS e PROUT, 2000, p. 220).

Foi possível observar, durante as relações entre meninas e meninos, diversos momentos em que as crianças expressavam seus saberes sobre o mundo recorrendo a dimensão corporal, como a força, a estatura, a agilidade, a fraqueza e a aparência. Sendo assim, percebemos, durante as organizações sociais das crianças com seus pares, a recorrência de dimensões particulares que diferenciam e hierarquizam relações, sobretudo no que diz respeito aos elementos étnico-raciais, de gênero e aparência física.

Reconhecemos que é no conjunto de relações com os outros seres humanos e com o mundo que a criança se constitui e, ao mesmo tempo, atua na realidade em que está inserida. Nesse contexto das relações com o mundo, no processo de se tornar humano, o homem necessita extremamente “do outro” para se constituir. No processo de formação da identidade das crianças pequenas, a aparência e as características físicas do “outro” são elementos essenciais, no qual o corpo pode representar um importante papel na construção de uma autoestima positiva. Sobre esse assunto, Maria Aparecida Bento ressalta que

[...] a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da

criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está o adulto, no que diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança. (BENTO, 2012, p. 112).

Por meio das relações observadas na pesquisa, percebemos que uma das características utilizadas pelas crianças durante suas interações diz respeito às ideias de corpo magro e branco, pautadas nos padrões de beleza hegemônicos da sociedade atual, como podemos exibir na passagem a seguir:

Hoje, durante o momento do parque, percebi que Tuani brincava sozinha fazendo bolinhos com areia, pedrinhas e loucinhas. Ela aproximou-se e ofereceu-me o bolo dizendo que tinha sabor de morango e o outro de uva. Nesse momento, Tuani esbarrou no dedo de Manu que estava sentada no chão, mas logo pediu desculpas. Manu respondeu dizendo: *Não adianta pedir desculpas!* Tuani voltou para o canto onde estava brincando e Manu, percebendo que eu havia observado a situação, aproximou-se de mim e falou:

- Ui prô, a Tuani é gorda!
 - E o que tem em ser gorda?
 - Gorda é feio!
 - Mas você não gosta dela por isso?
 - Ela é gorda e preta!
 - E você não gosta?
 - Não!
 - Do que você gosta?
 - Eu gosto assim ó: de loira, magra, bem bonita assim! O que tem aí no seu caderno prô?
 - Aqui eu anoto algumas coisas que vocês e seus colegas fazem.
- (Diário de Campo, 23/08/12).

Diante dessa situação podemos observar a concepção de uma das crianças do grupo acerca de um corpo “bonito” supervalorizando a magreza e a cor de pele branca como características fundamentais da beleza. Essa concepção nos remete a ideologia do branqueamento, assumindo “o homem branco” como referência e modelo universal da humanidade. Em contrapartida, presenciamos um processo de construção negativa em relação à autoimagem das populações negras, carregada de visões estereotipadas acerca de seus modos de ser e viver.

Além das crianças brancas indicarem os padrões de beleza hegemônicos na nossa sociedade, observamos também atitudes e falas de negação das características físicas das próprias crianças negras, conforme diálogo abaixo:

Durante o jantar de hoje, fiquei junto a uma das mesas onde o G6 realizava sua refeição. A comida era feijão, arroz, carne picadinha e chuchu. Sentei-me ao lado de Tuani para observar as relações e os diálogos que ocorrem no espaço do refeitório. Enquanto realizava sua refeição, fez o seguinte comentário para mim:

- Eu vou comer tudo para minha pele, olha! (Apontando para sua mão querendo mostrar alguma coisa)
- O quê? Pra sua pele o que, não entendi? Perguntei e ela.
- Pra minha pele mudar!
- Mudar como? Perguntei.
- Pra minha pele ficar branca, assim ó. (Mostrando-me a palma de sua mão que é mais clara que a cor de sua pele).
- Mas como sua pele é? Indaguei novamente.
- É preta, mas vai ficar branca!
- E por que você quer que ela fique branca?
- Ah sei lá!
- Ah, me conta por que você quer que ela fique branca. Insisti perguntando novamente.
- Ah, por que sim, é mais bonito.

Nesse momento, Tuani começou uma conversa com sua colega que sentava ao seu lado, finalizando nosso diálogo. (Diário de Campo, 04/09/2012).

A partir da narrativa, podemos perceber o desejo de uma criança negra tornar-se branca através da ingestão de alimentos. Observamos que Tuani reconhece a negatividade que a cor preta carrega, almejando trocar a cor da sua pele, pois apreendeu que a sociedade tem como belo a brancura. É fundamental ressaltar que essas normas de beleza são apreendidas desde cedo, por meio da socialização que as crianças efetivam como o mundo, seja no cotidiano familiar, educacional, bem como através dos meios de comunicação que disseminam uma cultura hegemônica que não possui espaço para a diversidade. Assim, as crianças, ao interagir com o mundo, conhecem e apreendem costumes, regras e valores que compõem a sua própria realidade.

Outro aspecto que marcou as relações entre as crianças do grupo investigado foi a preocupação com os cabelos. Os tipos de cabelos eram diversificados, havendo cabelos crespos, ondulados, lisos, encaracolados, entre outros. Aos poucos, observamos que

algumas crianças sentiam-se preocupadas em cuidar de seus cabelos, revelando também o desejo em modificá-los. Muitas meninas quando voltavam da “hora do sono” solicitavam a mim para arrumar seus cabelos, amarrando-o ou fazendo uma trança. As professoras também evidenciaram essa preocupação com os cabelos das meninas, especialmente daquelas que possuíam cabelos crespos e ondulados, que muitas vezes encontravam-se desarrumados. Além desses, nos dias em que ocorria alguma festividade na instituição, as professoras organizam as crianças e arrumavam seus cabelos.

Nos momentos em que as crianças estavam sendo penteadas pelas professoras, percebemos uma grande alegria por parte das meninas e dos meninos que recebiam esse cuidado. Ao serem penteadas e arrumadas, as crianças exprimiam sorrisos e gestos de prazer, olhando-se no espelho e/ou solicitando a pesquisadora para tirar uma fotografia dos seus penteados. A partir dessas observações, confirmamos que o toque nos cabelos, a preocupação com o outro, o carinho e a atenção são aspectos fundamentais que precisam ser contemplados nos tempos-espços da educação infantil (GUIMARÃES, 2011). Foi possível perceber que as crianças sentem-se felizes e acolhidas através de práticas como essas, e expressam essa necessidade perante suas ações e relações no contexto da educação infantil.

A dimensão de gênero também foi um dos aspectos utilizados pelas crianças para organizar as relações sociais com seus pares.⁴ Na tentativa de conhecer as especificidades de cada grupo, meninas e meninos demonstraram a competência acerca dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade atual, reproduzindo de modo particular elementos de suas próprias culturas. Além disso, constatamos a existência de diversos conflitos e disputas por objetos e lideranças, confirmando o que Manuela Ferreira (2004) defende acerca dos espaços de disputas entre as relações das crianças. Para a autora, esses momentos de conflitos são, também, estruturantes e estruturadores de interações e identidades, assim como da própria organização do grupo social infantil. (FERREIRA, 2004, p. 70).

⁴ A dimensão de gênero não será detalhada no presente artigo, pois privilegiamos o aspecto étnico-racial conforme a temática da edição da Revista Diálogos em Educação. Para maiores informações ver: Gaudio, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil** : dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero / Eduarda Souza Gaudio; orientador: Eloisa Acires Candal Rocha Rocha - Florianópolis, SC, 2013. 242 p.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, percebemos que as relações sociais entre as crianças e seus pares envolvem múltiplas dimensões. Ao buscarmos conhecer os modos de interações entre as meninas e meninos do grupo investigado quanto às diferenças étnico-raciais, constatamos a existência de aspectos que estão entrelaçados: a dimensão corporal e as questões de gênero. No que tange aos aspectos corporais infantis, observamos que as crianças, ao organizarem suas ações e brincadeiras, apoiam-se em elementos constitutivos de suas próprias culturas. Dentro desse contexto, as crianças utilizam concepções e visões estereotipadas que integram a realidade em que estão inseridas, reproduzindo, de modo particular, os preconceitos historicamente construídos.

Durante as brincadeiras, as falas, os gestos e as ações efetivadas pelas crianças são realizadas por meio de escolhas e seleções que privilegiam alguns aspectos em detrimento de outros. Com base na investigação realizada, as crianças demonstraram que a aparência física é um elemento central na organização de suas relações, privilegiando características como a cor da pele branca, a forma do corpo magro e os tipos de cabelos lisos como padrão de beleza para suas interações. Esse ideário de beleza está pautado nos modelos historicamente construídos pela sociedade que não contempla a diversidade existente em nosso país, apreendidos desde cedo pelas meninas e meninos de pouca idade por meio das diferentes interações realizadas com o contexto inserido.

A constituição da identidade das crianças negras que convivem cotidianamente com relações preconceituosas acerca de seus próprios códigos culturais torna-se conflituosa em virtude da necessidade de enfrentar atitudes discriminatórias que prejudicam a construção de uma autoimagem positiva. Por meio das relações que as crianças efetivam com “o outro”, apreendem conceitos e noções particulares da sua cultura, (re)elaborando-os a seu modo na organização de suas ações. Diante disso, as crianças que participaram da pesquisa supracitada, manifestaram a preferência pelos padrões de beleza da nossa sociedade nos momentos de estruturação de suas atividades. Em relação às crianças negras, presenciamos situações em que desejavam modificar sua cor de pele, bem como a estrutura de seus cabelos como forma de se aproximar dos modelos hegemônicos, expressando a negatividade associada aos corpos da população negra. Essas constatações confirmam que a dupla cabelo e cor da pele constitui um processo

conflituoso de aceitação/rejeição da identidade negra em que a aparência torna-se parte da subjetividade e autoimagem das crianças negras (GOMES, 2006).

Em face aos modos como as crianças organizaram suas relações quanto às diferenças étnico-raciais, destacamos a importância dos/as profissionais inseridos/as no contexto social investigado no sentido de observar e refletir sobre as ações e práticas pedagógicas efetivadas, procurando interpretar as diferentes linguagens expressadas pelas crianças. Ao conhecer o grupo de crianças e o contexto social vivenciado, esses adultos têm a possibilidade de criar estratégias capazes de desconstruir visões estereotipadas acerca da diversidade étnico-racial, oferecendo condições para que as crianças possam construir uma autoestima positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas**. In: 31ª ANPED, Caxambu, p. 01-16, 2008.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, p. 98-114, 2012.

BRASIL. Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPIR, 2004.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas**. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2012.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CERISARA, Ana Beatriz. Em Busca do Novo Ponto de Vista das Crianças nas Pesquisas Educacionais: Primeiras Aproximações. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). **Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA Editora, p. 35-54, 2004.

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza: Da participação**

nos estudos etnográficos com crianças pequenas. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.

DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil**. Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

_____. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “- **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!**” – as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação de doutoramento em Ciências da Educação, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. 2002.

_____. Os estranhos sabores de perplexidade numa etnografia com crianças em Jardim de Infância. In: CARIA, Telmo H. **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, p. 149-166, 2002.

_____. O desafio: “virar do avesso” o cotidiano do JI e olhá-lo do ponto de vista das crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). **Crianças e miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA Editora, p. 55-104, 2004.

_____. “- **ela é nossa prisioneira!**” – questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. Repositório aberto U. Porto. p. 151-182, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero**: Relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp.67-82.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, p. 84-94, 2001.

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. Técnicas corporais, cuidado de si e cuidado do outro nas rotinas com bebês. In: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Educação Infantil**: Enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papyrus, p. 35-52, 2011.

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. O corpo e a infância. In: KOHAN, Walter Osmar; KENNEDY, David. (Orgs.). **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 207-238, 2000.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/2003.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Entrevista realizada com Kabengele Munanga por Estudos Avançados 18 (50), 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2012.

OLIVEIRA, Fabiana. **Um estudo sobre a creche**: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial? 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Infantil**: raça, classe e gênero. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.96, p. 58-65, 1996.

_____. _____. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, p. 11-46, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, p.137-179, 2003.

SILVA, Cristiane Irinéa. **O acesso das crianças negras à educação infantil**: um estudo de caso em Florianópolis. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial em espaços de educação infantil**. 2011. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.